

O acento oscilante em português brasileiro e europeu

Aline de Lima Benevides

Submetido em 29 de agosto de 2014.

Aceito para publicação em 15 de dezembro de 2015.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 50, junho de 2015. p. 28-47

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Sexta-feira, 15 de janeiro de 2016

23:59:59

O ACENTO OSCILANTE EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU

THE FLUCTUATION STRESS IN BRAZILIAN AND EUROPEAN PORTUGUESE

Aline de Lima Benevides^{1*}

RESUMO: Esta pesquisa apresenta uma análise linguística para o acento oscilante em palavras produzidas por alguns falantes nativos do português brasileiro e europeu. Para isso, diversos fatores foram investigados a partir das principais teorias sobre o acento primário. Na ausência de mecanismos explicativos para o fenômeno em estudo, buscou-se nos Modelos baseados no Uso (BYBEE, 2001; 2010) e na recente proposta para o acento primário de Cantoni (2013) bases teóricas para analisar o corpus de estudo. A partir disso, concluiu-se que diversos mecanismos influenciam o acento, tais como a frequência de uso, extensão analógica, origem etimológica, julgamentos perceptuais, sendo essa multiplicidade preponderante para o modelo adotado. Ainda, postula-se que o fenômeno consiste em variação linguística que está em curso na língua.

PALAVRAS-CHAVE: acento flutuante; silabada; fonologia; português.

ABSTRACT: This research presents a linguistic analysis for the fluctuation stress in words produced by native speakers of Brazilian and European Portuguese. For this, several factors were investigated from main theories of primary stress. In the lack of any explanation for the phenomenon in study, we survey in usage-based models (Bybee, 2001, 2010) and the recent search for the primary stress by Cantoni (2013) theoretical basis for analyzing the corpus of study. In this manner, it is concluded that several mechanisms influence the stress, such as frequency of use, analogue extension, etymologically, perceptual judgment, and this multiplicity leading to the model adopted. Furthermore, it is postulated that the phenomenon is a linguistic variation that is ongoing in the language.

KEYWORDS: fluctuation stress; phonology; Portuguese.

1 Introdução

O acento primário no português é um fenômeno largamente discutido na literatura corrente do Português Brasileiro (PB) e do Português Europeu (PE). As análises variam consoantes as características consideradas como relevantes para a atribuição acentual, tais como a métrica, a morfologia e o léxico.

Apesar de tais divergências, todos os teóricos concordam com a prerrogativa de que o português respeita a janela de três sílabas a partir da borda direita da palavra, ou quatro sílabas, se a epêntese for considerada uma fase anterior à atribuição acentual em termos derivacionais, como em *téc[i]nico*, *ét[i]nico*. No entanto, os demais atributos nem sempre são consenso entre os teóricos. Em vista disso, serão apresentadas sinteticamente as propostas mais difundidas a respeito do acento primário das formas não verbais nas duas variedades do português, a brasileira e a europeia, bem como serão explicitadas as lacunas que impossibilitam a análise dos dados desta pesquisa.

¹ Mestranda em Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), bacharel em Letras (Português/Linguística) pela Universidade de São Paulo. Esta pesquisa foi realizada com apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da Usp (RUSP): aline.benevides@usp.br.

Tendo em vista que muitas postulações foram feitas a respeito do acento primário no português, buscaram-se descrições ou análises linguísticas para o acento flutuante, contudo, os resultados encontrados não passaram de citações superficiais do fenômeno. Apenas as gramáticas normativas explicitam os vocábulos suscetíveis ao “erro de prosódia”, pronúncia essa denominada de *silabada* (cf. BECHARA, 2005; CUNHA & CINTRA, 2008; LIMA, 2002).

Diante da carência de pesquisas sobre o assunto, este estudo visou explicitar tal fenômeno com um viés linguístico, ancorado nos Modelos baseados no Uso (BYBEE, 1985; 2001; 2010) e na recente proposta de Cantoni (2013) para o acento primário do português a partir de Modelos Multirrepresentacionais.

Este trabalho está estruturado da seguinte maneira. Na seção 2, caracterizaremos o fenômeno em estudo. Na seção 3, exporemos a metodologia de formação do corpus no PB e no PE. Na seção 4, apresentaremos as principais teorias para o acento regular no português nas duas variedades em estudo. Na seção 5, explicitaremos brevemente o porquê da não adoção de tais teorias para o presente estudo. Na seção 6, mostraremos os pressupostos teóricos dos Modelos baseados no Uso adotados nesta pesquisa. Na seção 7, expomos a mais recente proposta para o acento regular no português, a qual tem como base os Modelos Multirrepresentacionais. Na seção 8, teceremos a partir das teorias apresentadas uma análise para o acento flutuante no português. Finalizando, na seção 9, com as conclusões deste trabalho.

2 O Fenômeno

Como referido, o fenômeno estudado é denominado pelos gramáticos de *silabada*, sendo frequentemente confundido com a *ortoépia* ou *ortoepia*, por isso, cabe aqui distingui-los. O primeiro é “o erro de prosódia que consiste na deslocação do acentoônico de uma palavra” (BECHARA, 2005, p. 90), enquanto, o segundo refere-se “a parte da gramática que trata da correta pronúncia dos fonemas” (BECHARA, 2009, p.76).

De modo geral, a *silabada*, como os gramáticos denominam, caracteriza-se pela alteração do acento de uma sílaba, que deveria ser tônica, para outra sílaba, que deveria ser átona, a título de exemplo, temos *graTUIt* > *gratuIt*, *reCORde* > *REcorde*, *ruBRica* > *RUbrica*. Na verdade, essa alteração de tonicidade expressa a dúvida (ou incerteza) do falante com relação à sílaba tônica da palavra.

Embora muitos indivíduos atrelem tais produções flutuantes ao baixo nível de renda e escolaridade dos falantes, sendo assim, tidas como desprestigiadas, o fenômeno em questão encontra-se tão arraigado que mesmo falantes com alto nível de escolaridade as produzem. Com a finalidade de mostrar esse fato, atente-se a produção das seguintes palavras: *dúplex*, *tríplex*, *cateter*, *ureter*, *Nobel*. Provavelmente, você as produziu da seguinte forma: *duPLÉkis*, *triPLÉkis*, *caTEter*, *uREter*, *NObel*. No entanto, tais formas não são as indicadas pela norma culta, são formas com tonicidade flutuante.

Essas e muitas outras palavras caracterizam o processo em estudo como uma variação linguística que está em curso na língua e, em alguns casos, com a forma oscilante já arraigada pelos falantes nativos, de tal modo que a produção flutuante não é mais percebida, deixando, então, de ser oscilante no uso linguístico, porém, mantendo-se nas descrições das gramáticas.

3 O Corpus

Buscaram-se, a partir das palavras listadas nas gramáticas de Bechara (2005), Cunha & Cintra (2001) e Lima (2002) como alvo de “prosódia errônea”, os vocábulos que correspondiam ao uso real da língua e que eram correntemente encontrados na fala² para compor a fase inicial do corpus.

O processo de formação do corpus foi realizado em duas fases. A primeira delas consistiu em submeter as 79 palavras listadas das gramáticas à percepção de falantes nativos do PB paulista, linguistas e não linguistas, para que esses julgassem o conhecimento das duas prosódias na fala espontânea. 54 verbetes foram selecionados por pelo menos um informante e 2 vocábulos foram sugeridos para acréscimo. A partir disso, inicia-se a segunda etapa de composição em que as 25 palavras não selecionadas e 11 verbetes selecionados por apenas um falante foram submetidos a um teste de produção com outros falantes nativos do PB, totalizando 36 palavras testadas.

O teste visava verificar se os verbetes eram produzidos com variação prosódica por pelo menos um falante, sendo esse o critério de seleção empregado. Para isso, 14 falantes nativos deveriam ler frases que possuíam as palavras em análise grafadas segundo a norma padrão da Língua Portuguesa. Nos testes, 25 palavras testadas sofreram oscilação de tonicidade e, surpreendentemente, 2 palavras que não estavam em análise foram produzidas por 2 falantes com variação prosódica, a saber, *ironia* e *ímpeto*, as quais também foram inseridas no corpus. Dessa maneira, o corpus final compreende 72 vocábulos correspondentes ao uso real da língua (Anexo I).

Como o tempo para detecção dos vocábulos com acento oscilante no PE foi menor, o corpus do PE foi constituído tendo o corpus do PB como base. Os 72 vocábulos oscilantes no PB foram julgados por 2 docentes universitárias falantes nativas do PE residentes em Lisboa, as quais selecionaram 33 verbetes como oscilantes e sugeriram 2 para acréscimo. Por meio da fala espontânea, observamos 7 palavras oscilantes, e nos testes realizados, com metodologia semelhante à utilizada no PB, 2 vocábulos oscilaram. O corpus do PE, portanto, é constituído por 44 palavras (Anexo II).

Tal fato evidência que nas duas variedades do português em estudo o fenômeno de oscilação acentual é comum e recorrente. Obviamente, há divergência nos vocábulos oscilantes em decorrência dos diferentes usos, no entanto, não é possível concluir que uma variedade oscile mais do que outra, visto que o tempo de formação do corpus não foi análogo.

4 O Acento Primário no Português: Abordagens Teóricas

Antes de adentrarmos no estudo em questão, vamos primeiramente entender quais são as principais análises destinadas a explicar o acento primário no português, na variedade brasileira e europeia, com ênfase nos teóricos mais difundidos em cada uma delas.

A primeira vertente considera o léxico como o mecanismo regulador do acento primário no português. O teórico mais notável nesta abordagem é Câmara Jr. (2001), o qual propõe três características fundamentais para o fenômeno em estudo. Para o autor, o acento é distintivo, por discriminar palavras que apresentam similaridade fonológica, como em *sábia*, *sabia* e *sabiá*; delimitativo, visto que delimita o vocábulo fonológico,

² Ressalta-se que a maioria dos vocábulos enquadrados como *silabada* possui baixa frequência de uso, até mesmos os verbetes que compõem o corpus deste estudo.

sendo, portanto, uma propriedade das línguas em geral; e livre, já que não há terminações fonológicas que determinem a colocação acentual, “quando muito, há uma maior frequência, fonologicamente indeterminável, para dada terminação” (CÂMARA JR., 2001, p. 65). Em suma, para ele, o acento é pré-definido no léxico da língua, não havendo, assim, regras que determinem a localização acentual.

A segunda linha de análise aqui esboçada é a mais forte e bem aceita na literatura corrente, ela corresponde à abordagem morfológica. Os principais teóricos para a variedade brasileira e europeia são Lee (1995) e Mateus & D’Andrade (2002), respectivamente. Vale ressaltar que as duas propostas serão expostas em simultâneo, visto que as diferenças entre elas são sutis, as quais serão destacadas separadamente. Tal discordância não compromete os fundamentos das pesquisas dos autores.

Para eles, a diversidade no comportamento das palavras consoante a categoria lexical é uma evidência a favor da postulação de duas regras divergentes para o acento no português: uma para verbos e outra para não verbos. Eles propõem que a forma canônica para os não verbos consiste em [raiz/ radical]₁, [classe]₂, ([número]₃)^{N Adj}, com a tonicidade localizada na última vogal do radical, tal como em *menin*a, *bonit*a e *gat*a. A falta de marcador de classe restringe a localização do acento à última sílaba da palavra, como em *rapaz*, *pomar*, *abacaxi* e *café*. Nos demais casos, acento proparoxítono - *Lúcifer* e *árvore* - e paroxítono com sílabas finais pesadas - *jovem* e *túnel* -, segundo Lee (1995), seriam formas marcadas no léxico da língua, enquanto, Mateus & D’Andrade (2002) afirmam que seriam casos excepcionais. Para os verbos, a forma canônica é [raiz]₁, (classe)₂, ([tempo]₃, [pessoa-número]₄)^v com o acento recaindo conforme o tempo e pessoa-número, de modo regular.

A última abordagem baseia-se na Fonologia Métrica, tendo como principal disseminadora no PB Bisol (1994), com a teoria mais discutida e questionada sobre o assunto.

Para a autora, duas regras são essenciais para gerar o sistema acentual do PB, apresentando apenas diferentes domínios conforme a classe morfológica da palavra. Para os não verbos, se aplicará na palavra derivacional (radical + vogal temática/ gênero) ciclicamente, em contrapartida, para os verbos, o domínio de aplicação será a palavra lexical (radical + vogal temática + sufixo modo-temporal + sufixo número-pessoal) e não será cíclica. As regras são expostas a seguir:

(1) Domínio: a palavra.

- i. Atribua um asterisco (*) à sílaba pesada final, i. é, sílaba de rima ramificada.
- ii. Nos demais casos, forme um constituinte binário (não iterativamente) com proeminência à esquerda, do tipo (*.), junto à borda direita da palavra. (BISOL, 1994, p. 25)

Pela primeira regra, as sílabas finais pesadas (com coda silábica) atraem o acento, já na segunda, o padrão trocaico é favorecido. Em outros termos, as duas premissas que regem a atribuição do acento são o peso silábico e o padrão acentual (troqueu), respectivamente.

A mais notável evidência, segundo Bisol (1994), para tais proposições é dada por meio de uma análise quantificada, a qual indica, aproximadamente, 80% das palavras com consoante final sendo oxítonas. Contudo, apenas essas regras não conseguem explicar todos os padrões acentuais. Por isso, postula mais dois mecanismos importantes: consoante abstrata e extrametricidade. No primeiro caso, as sílabas leves finais teriam uma consoante final abstrata, presente na forma subjacente, que em formas não derivadas

seria invisível às regras acentuais, tal como em (2). Já o segundo consiste no “recuo do acento uma sílaba [ou segmento] à direita da sua posição esperada” (COLLISCHON, 2010, p. 151), seria uma informação lexical, como em (3).

- (2) caféC > cafeTeira
 jacaréC > jacareZinho
 caquiC > caquiZeiro
- (3) a. Paroxítonas com sílabas finais pesadas:
 caráte<r>, jove<m>, úti<l>
- b. Proparoxítonas:
 óti<mo>, árvo<re>, Júpi<ter>

Nos verbos, as regras em (1) também determinam a localização acentual, sendo que o algoritmo interpreta como sílaba leve final toda desinência verbal em /S/ ou /N/, tais como em *faleN* ou *falaS*. Além disso, a extrametricidade recairia sobre todas as proparoxítonas dos tempos do imperfeito, com invisibilidade da última sílaba.

5 Prós e Contra das Abordagens Teóricas

Como se pode perceber, as abordagens expostas acima se valem de mecanismos diferentes para explicar o acento no português. A primeira delas, de Câmara Jr. (2001), tem como fator relevante a utilização de um único mecanismo regulador e gerador do acento, o léxico, o qual é tratado pelos demais teóricos como marcador dos casos excepcionais. No entanto, tal perspectiva carece de um elemento organizador do léxico, ou melhor, de algo que explique como estão organizadas as relações acentuais (se no radical, nos afixos, por exemplo). Além disso, a postulação de um mecanismo puramente lexical deixa de lado uma série de regularidades e sub-regularidades presente na língua, as quais não parecem ser frutos de um mero acaso.

Com relação às propostas de Lee (1995) e Mateus & D’Andrade (2002), concordamos que verbos e não verbos possuem comportamentos diferentes, sobretudo, no âmbito do acento, de maneira que os vocábulos, provavelmente, terão regras específicas conforme a categorial gramatical. No entanto, a postulação de processos díspares, tal como a marcação lexical, que acontece ora numa palavra ora em outra, sem especificação precisa de quais verbetes serão marcados, não se mostra um mecanismo preditor da localização acentual. O princípio de marcação só poderia ser refutado se consultarmos o léxico do falante.

Por outro lado, a predição de excepcionalidade para justificar os casos que fogem às regras gerais da teoria inclui padrões acentuais inteiros, tal como o proparoxítono, além de uma sub-regularidade do padrão mais produtivo da língua, as paroxítonas com sílabas finais pesadas. Essa excepcionalidade somaria mais de 12% do léxico da língua, visto que, segundo Araújo *et al* (2007), só as proparoxítonas já correspondem a tal percentual.

Já a abordagem métrica, como Bisol (1994) afirma, tem como evidência o fato de que 80% das palavras com consoante final são oxítonas. Contudo, semelhante às teorias morfológicas, apresenta um princípio, no caso, o de extrametricidade, para justificar os dados que fogem às regras gerais (peso silábico e padrão acentual), o qual também não consegue prever quais segmentos ou sílabas serão invisíveis às regras acentuais.

Além disso, acredita-se que as proparoxítonas não devem ser tratadas como casos

excepcionais, marcados, extramétricos, ou mesmo, estrangeirismos, visto que embora pertençam a um padrão menos produtivo do que as demais, incluem diversos vocábulos com alta frequência de uso e, segundo Araújo et al (2007, p. 59), “as análises desqualificam as proparoxítonas por não disporem de instrumentos que possibilitem uma explicação unificada para o fenômeno do acento lexical”.

Soma-se a isso, o fato de que, aproximadamente, 50% dos vocábulos do corpus desta pesquisa fugiriam às regras gerais de atribuição acentual, sendo assim enquadrados na excepcionalidade. Diante de tais fatos, não podemos considerá-las como pressupostos teóricos para o estudo do fenômeno em questão, fato esse que nos fez observar outros fatores, tal como a frequência de uso dos vocábulos.

Os corpora utilizados para consulta de frequência foram Projeto Aspa (2013) e o dicionário de frequência de Davies & Preto-Bay (2008), segundo os quais a maioria das palavras possui frequência de tipo (ou índice) superior a 10.000 e 5.000, respectivamente. Ou seja, os verbetes dentre todas as palavras do corpus estão ranqueados em posições posteriores às 10.000 palavras mais frequentes da língua portuguesa.

Tal observação nos levou a teorias que se valem da frequência como elemento relevante para seus pressupostos teóricos. Os modelos estudados foram a Fonologia de Uso e a Teoria dos Exemplares, os quais estão enquadrados nos Modelos baseados no Uso e possuem uma visão diferente de língua, como verificaremos no item a seguir.

6 Modelos baseados no Uso

Os modelos de língua baseados no uso consideram o uso como o principal fator para a emergência da gramática dos falantes. O objetivo desses modelos é explicar a natureza da gramática ao observar como a língua é usada em contexto.

A premissa básica é que os padrões usados com frequência tornam-se convencionalizados como padrões gramaticais e que o processo de repetição tende a desencadear a automatização, a habituação e a emancipação dos padrões. Nessa perspectiva, a língua funciona como um sistema complexo e adaptativo, exibindo variação e gradiência.

Nela não é pressuposto, como na Teoria Gerativa, que há um módulo separado para a linguagem, ou mesmo, para a Sintaxe, mas sim que todos os elementos componentes estão em interação. A representação cognitiva é sensível aos aspectos da experiência, do uso real da língua.

Outro contraste entre as teorias é percebido no tratamento destinado aos processos fonológicos e morfológicos. Nos Modelos Gerativos, as regularidades são geradas através de regras, enquanto que as irregularidades, em sua maioria, são listadas no léxico. Em contrapartida, nos Modelos baseados no Uso, a interpretação destinada aos dados parte também do efeito da frequência.

Cabe aqui, distinguirmos frequência de tipo e frequência de ocorrência. A primeira refere-se à frequência do dicionário de padrões particulares, que compreendem desde as entradas lexicais e os afixos até os padrões acentuais. A segunda consiste na frequência de ocorrência de uma unidade, em geral, as palavras (BYBEE, 2001).

Outra noção importante consiste no grau de autonomia da palavra, o qual é determinado pela probabilidade de representar um item lexical separado, ou seja, da palavra ser uma entrada lexical independente de qualquer outro lexema; ao contrário, será uma palavra não autônoma, não produzindo a sua própria entrada, sendo atrelada a outro

verbetes. Para isso, três critérios são necessários: a categoria semântica, a frequência e a irregularidade morfo-fonêmica.

A palavra semanticamente básica ou não marcada tem maior probabilidade de ter uma entrada separada; a frequência da palavra deve ser suficiente para ser aprendida e armazenada independentemente; e as palavras irregulares que não podem ser derivadas de outras palavras devem ser autônomas, como nos paradigmas supletivos.

É justamente a alta frequência de ocorrência das palavras irregulares que faz com que haja autonomia e resistência morfológica e analógica de padrões irregulares, isso porque se tais vocábulos possuísem baixa frequência de uso, eles tenderiam a ser regularizados dentro do paradigma. A título de exemplo, observam-se os verbos irregulares *fazer*, *saber* e *trazer*, que mantêm suas irregularidades *faço/ fiz*, *sei/ soube*, *trago/ trouxe* e não são produzidos pelos adultos como **fazo/ *fazi*, **sabo/ *sabi*, **trazo/ *trazi*, em uma suposta analogia com os verbos regulares *como/ comi*, *bebo/ bebi* e *vendo/ vendi*.

As palavras com alta frequência de ocorrência possuem maior força lexical porque, metaforicamente, é proposto que elas são escritas no léxico e que a cada novo uso ela será processada e mapeada dentro da sua representação lexical, fortalecendo suas linhas de conexão. Algo semelhante a um desenho que quando tem suas linhas cobertas pela caneta é reforçado. Tal fortificação não é dada apenas pela produção, mas também pela percepção.

A força lexical não é exclusiva das palavras de alta frequência. Os verbetes de baixa ou média frequência também constroem estruturas com força lexical, porém, se diferenciam por fortalecerem padrões produtivos, tal como os afixais. Vale ressaltar que as conexões entre os itens de baixa ou média frequência são mais fortes do que com os de alta frequência. Isso porque os itens de alta frequência, por serem autônomos, têm conexões mais fracas com as formas relacionadas do que os itens de baixa ou média frequência têm entre si.

A produtividade é determinada pela alta frequência de tipo, posto que os padrões mais produtivos são julgados mais aceitáveis do que os padrões com baixa frequência de tipo. Ela ainda nos fornece evidências das generalizações que os falantes fazem e das relações que eles estabelecem entre os itens com similaridades fonológicas, semânticas ou morfológicas. De modo que os padrões existentes na língua não se comportam apenas como uso concreto, mas servem também de gatilho para as novas entradas lexicais. O mecanismo utilizado para isso é a analogia.

Bybee (2010) distingue dois tipos de analogia: nivelamento analógico e extensão analógica. A primeira consiste na perda de uma alternância em um paradigma, enquanto, a segunda refere-se à introdução de uma alternância ou padrão em um paradigma que não o tinha antes. A Fig. 1 é um exemplo desse processo analógico no qual uma rede morfológica altamente produtiva torna-se gatilho, ou atrator, para os novos lexemas da língua:



Figura 1 - Conexões formadas por extensão analógica³.

É importante ressaltar que os processos de armazenamento não se dão apenas com palavras, porém, também através dos *chunks*. Eles consistem em duas ou mais palavras que co-ocorrem frequentemente, como ‘*pegar um ônibus*’, ‘*espera aí*’, ‘*tomar um táxi*’, ‘*dar um tempo*’, etc. As expressões idiomáticas e os *prefabs* também podem ser considerados *chunks*.

A automatização no processo de produção dos *chunks* e das palavras individuais tende a conduzir a processos fonológicos, tal como o de redução: ‘*perai*’, ‘*falai*’, ‘*psisa*’ e ‘*cença*’. Fenômenos como esses são influenciados não só pela frequência do lexema, mas também pelo contexto (ou ambiente) de ocorrência. A justificativa para tal fato parte do seguinte ponto de vista: quando sequências fonológicas são repetidas a probabilidade dos gestos articulatórios se reduzirem e se sobreporem é maior.

Na Teoria dos Exemplos, a forma de representação utilizada parte de exemplos, ou nuvens de exemplos, que são formados também a partir do uso real da língua. Nela, o léxico também é o lócus da criatividade (PIERREHUMBERT, 2010) e não é independente das unidades lexicais das quais ele emerge.

As conexões são construídas com todas as informações de uso percebidas durante a experiência linguística. “Esta informação consiste de detalhes fonéticos, incluindo os traços redundantes e variáveis, itens lexicais e construções de uso, o significado, inferências feitas deste significado e do contexto, e propriedades do contexto social, físico e linguístico” (BYBEE, 2010, p. 14).

Os exemplos podem ser formados por vários níveis de complexidade. Os simples são constituídos de sequências fonológicas que ocorrem dentro da palavra (as sílabas, ataques, rimas), e os complexos constituem uma variedade de palavras ou construções. Assim, ambas as teorias consideram a palavra como lócus de representação, porém, não como a única. Consideram os *chunks*, *prefabs* e expressões idiomáticas também relevantes para a formação das representações cognitivas.

As categorias dos exemplos apresentam ainda efeitos de protótipos: alguns exemplos são mais centrais e outros mais marginais. O grau de interação entre os membros centrais e marginais é dado pela similaridade e frequência. Ou seja, os itens com similaridades fonológicas, semânticas e morfológicas tendem a estar mais próximos

³ Ressalta-se que os esquemas apresentados neste trabalho consistem em adaptações dos esquemas e redes propostos por Cantoni (2013).

ou na mesma nuvem de exemplar, enquanto, a frequência determina qual exemplar é mais central ou marginal. Vale ressaltar que essa relação está em constante mudança, de modo que o exemplar central só se manterá nessa posição se continuar sendo mais frequente do que os demais exemplares. Com isso, as nuvens podem mudar gradualmente, representando as mudanças e variações que a língua apresenta.

Os efeitos de frequência visto na Fonologia de Uso podem ser estendidos à Teoria dos Exemplares. Aqui, os membros mais frequentes, os centrais, são acessados mais facilmente e podem ser usados como base de categorização de novos itens. Cada novo uso tem impacto na representação cognitiva, reforçando sua representação e a deixando mais estável, fato que conduz a resistência morfológica e analógica dos itens mais frequentes.

Os exemplares são formados por representações fonéticas, que exibem gradação, algo como um contínuo fonético. É possível encontrar determinadas formas fonéticas atreladas a significados ou contextos particulares. Essa sensibilidade aos detalhes fonéticos sugere categorias baseadas em numerosas experiências de ocorrência e essa propriedade de riqueza de representação é preponderante para o modelo.

7 O acento a partir de Modelos Multirrepresentacionais

É na perspectiva de língua descrita acima que a mais recente proposta sobre o acento primário no PB está pautada. Cantoni (2013) baseia sua análise nos Modelos Multirrepresentacionais, os quais compreendem a Linguística Cognitiva, os Modelos de Uso e os Sistemas Dinâmicos, e tece a seguinte análise para o acento no PB.

Para a autora, o atual estado de uma língua é determinado por forças e atratores de seu estado inicial, ou seja, a língua é influenciada pelos processos que atingiram a língua da qual ela descende, é numa perspectiva diacrônica como esta que começa a investigar o acento. Para isso, retoma o sistema acentual latino, que era previsível e regular, incidindo na penúltima sílaba se essa fosse pesada, caso contrário, incidiria na antepenúltima sílaba da palavra, como fornecedor de *templates*⁴ acentuais, o paroxítono e proparoquítono, para o PB.

No latim, os *templates* emergiram a partir de inter-relações entre as redes locais (declinações), as relações morfológicas e suas projeções, bem como pelas conexões fonológicas. A proposta da autora para o PB tem como princípio tais relações consolidadas pela fonologia, semântica e morfologia já no latim. São essas fortes relações que estabelecem “conexões entre a localização do acento e a estrutura flexional das palavras do PB” (p. 68).

Como se sabe, a sensibilidade ao peso silábico é o mecanismo regulador de atribuição acentual no sistema latino. Para Cantoni (2013), o arraigamento das projeções acentuais dentro de um sistema de redes: forte, denso, redundante e detalhado, propicia o surgimento de um novo atrator, as redes morfológicas. É esse aparecimento que não desestabiliza o sistema quando a quantidade vocálica é perdida na passagem do latim ao português. De modo que o acento deixa de ser regular e previsível, passando a atuar como contrastivo.

Nessa perspectiva, não haveria um mecanismo único responsável pela

⁴ Segundo Cantoni (2013, p. 68), os *templates* são estruturas abstratas extraídas de padrões recorrentes.

localização do acento no português. As aparentes relações entre estrutura silábica e localização do acento podem ser interpretadas como resquício dos *templates* acentuais do sistema latino. No português, a localização do acento passou a ser definida também com referência a palavras particulares, podendo mesmo ser propriedade estendida a unidades menores que a palavra, como morfemas, que emergem na gramática a partir de relações semânticas e fonéticas. A estrutura morfológica passou a interagir diretamente com a acentuação (CANTONI, 2013, p. 72-73).

A predição de que há mais de um mecanismo de atribuição acentual no PB se mostra preponderante para uma proposta ancorada nos modelos multirrepresentacionais, e se tornará fundamental para o presente estudo. Além disso, ao relembrar que o português é proveniente do sistema latino e que um sistema linguístico tende a influenciar o outro, um processo natural é pressupor que o seu sistema acentual também seja influenciado por ele. Ao sustentar que os *templates* do sistema latino foram inseridos no português, ela justifica mais do que a constante correlação empregada por diversos teóricos entre a estrutura silábica e a atribuição acentual, é um forte argumento contra os teóricos que postulam o padrão proparoxítono como desvio ao sistema acentual do português. Ora, se (S s x) é um *template* da língua, bem como (s S x), (S x) também o são, sendo provenientes do latim, ele também está presente na representação mental, no sistema gramatical do falante, não tendo assim porque ser tratado como desvio ao sistema, posto que os demais padrões deveriam igualmente o ser.

Dentro desse panorama, o padrão oxítono não poderia ser gerado, posto que o latim não possuía acento final. Para isso, postula que seu surgimento e fortalecimento se deram a partir de processos fonológicos redutivos, apagamento da sílaba átona final ou medial, e de empréstimos de outras línguas, tais como o francês, o árabe e línguas indígenas e africanas. No entanto, o surgimento do *template* oxítono pode ter proveniência já no Português Arcaico (PA), pois, segundo Massini-Cagliari (1999), a janela acentual do PA corresponde às duas sílabas finais, i. é, última e penúltima.

Para Cantoni (2013), no PB, a morfologia intermediaria a conexão entre as estruturas segmental, entonacional e conceitual do acento, de modo que os processos de derivação e de flexão resultam no acréscimo do sufixo à borda direita da palavra. A força das conexões seria diferente em decorrência da sistematicidade entre bases e flexões, nos processos flexionais, e da relação dos sufixos ou das bases, nos derivacionais.

Tendo isso em vista, são postulados dois mecanismos. Para os nomes, haveria um acento *default* para os processos flexionais, posto que o acréscimo de <-s>, na formação do plural, não acarreta na modificação do acento. Em contrapartida, na derivação nominal, o acento seria determinado pelo sufixo, sendo, portanto, uma propriedade gramatical, morfológica. Para os verbos, não haveria um acento *default*, já que a flexão sempre determinará a localização do acento. Assume-se, portanto, que o acento é lexicalmente especificado.

Como vemos, a proposta de Cantoni a partir dos modelos multirrepresentacionais tende a explicar de modo mais adequado e coerente os padrões produtivos e não-produtivos do português, bem como permite que expliquemos as variações e mudanças encontradas na língua sem nos valermos de mecanismos *ad hoc*, como outras teorias o fazem. Diante e valendo-se desse fato, teceremos a seguir uma proposta para o acento oscilante no português.

8 Proposta para o acento flutuante no Português à luz dos Modelos de Uso

Ante as propostas para o acento primário no português apresentadas ao longo desta pesquisa, valeremo-nos dos pressupostos da Fonologia de Uso (BYBEE, 1985; 2001; 2007), da Teoria dos Exemplares (BYBEE, 2010) e da proposta de Cantoni (2013) para o acento primário para tecer uma proposta para o acento flutuante. A seguir, exporemos os diversos mecanismos que podem conduzir o acento a oscilações.

8.1 O desenvolvimento histórico: a origem etimológica

Na proposta do acento lexicalmente especificado, constatamos que o percurso histórico da língua é fundamental para o estado atual da mesma. Segundo Cantoni (2013), o acento em português é um reflexo de *templates* adquiridos por meio do latim, do qual ele derivou, e cristalizados através de sua fonologia, morfologia e semântica.

Uma explicação diacrônica como essa parece-nos mais viável para justificar o grande percentual de palavras com sílabas finais pesadas encontradas no léxico do PB, visto que o sistema latino apresentava sensibilidade ao peso silábico e, segundo Cantoni (2013), os *templates* oxítonos foram inseridos na língua por meio de processos reductivos, do que atribuir, ainda, sensibilidade ao peso silábico, como afirmam diversos teóricos. Além disso, a herança latina de *templates* legitima o *status* do acento proparoquítico como um padrão genuíno da língua.

A diacronia não só explica a herança de *templates* acentuais, como também justifica a flutuação entre o acento etimológico e acento lexical do português. Como sabemos, quando um vocábulo estrangeiro entra num sistema linguístico, ele tende a se adaptar aos padrões fonotáticos dessa língua. No caso do sistema acentual, o mesmo comportamento é esperado: no português, deve-se respeitar a janela direita de três sílabas.

De modo geral, o padrão acentual mais produtivo da língua serve como atrator para a nova entrada lexical, sendo assim, na língua em questão, ele receberá o padrão paroxítico, o qual é considerado por diversos teóricos o padrão acentual do português. No entanto, esse não é um processo regular, pode-se encontrar vocábulos que fogem a tal padrão ao modificarem o padrão acentual e/ou o acento etimológico, bem como podem manter o acento etimológico, como em *cateter* e *gratuito*.

É no conflito que pode ser gerado por meio do padrão acentual, acento lexical e acento etimológico que está ancorada uma das causas das oscilações acentuais. Pressupõe-se que o falante pode ter em sua representação mental o lexema com alguns desses padrões acentuais em competição, ou seja, um vocábulo associado a dois *templates* acentuais distintos, como na Fig. (2), sendo essa disputa que gera o acento flutuante.

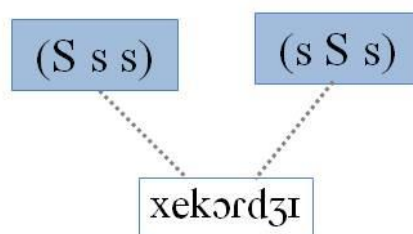


Figura 2 -

Templates acentuais sob

influência etimológica.

Salienta-se que esta rede foca apenas a competição entre os *templates*, não apresentando conexões entre vocábulos. Ainda, é necessário ter em mente que elas são

mais complexas e conectadas do que estão ou estarão demonstradas ao longo desta pesquisa.

O corpus do PB apresenta 26 palavras e o PE apresenta 13 palavras em que o acento etimológico diverge do acento lexical do português. Vale ressaltar que essas flutuações também podem ser influenciadas por processos analógicos baseados em frequência, como discutiremos a frente.

8.2 Efeitos de frequência: frequência de ocorrência e de tipo silábico

Amparados nos Modelos baseados no Uso, percebeu-se que, em decorrência da baixa frequência dos vocábulos, os efeitos de frequência podiam ser fatores relevantes de investigação.

Tendo em vista que a autonomia das palavras é preponderante para garantir sua força lexical, a resistência morfológica e analógica e que, para isso, é necessário que a categoria semântica seja semanticamente básica (ou não marcada), que a frequência seja o suficiente para garantir uma entrada independente e que, em caso de palavras irregulares, a irregularidade não pode ser derivada de outros lexemas, constatou-se que nem todos os verbetes demonstravam tal comportamento.

Na verdade, a maioria das palavras apresenta vizinhos fonológicos com frequência superior a ela, sendo esse um fator que impede o rápido acesso lexical e, principalmente, é essa vizinhança fonológica que serve de atrator para os padrões morfológicos produtivos ou silábicos frequentes. A título de exemplo, *cateter* e *ureter*, os quais possuem tonicidade na sílaba final, são produzidos com tonicidade medial em decorrência de um processo de extensão analógica com um vocábulo mais recorrente do que eles, a saber, *éter*⁵.

Valendo-se, ainda, dos mecanismos acentuais de Cantoni (2013), para a qual há um acento *default* para os não-verbos não-derivados e, em caso de derivação, o sufixo rege a atribuição acentual, observa-se que em vocábulos como *estereótipo*, *estereo-* + *-tipo*, em que o sufixo deveria determinar a localização acentual, a tonicidade recai no radical, porém, em *logotipo*, *log(o)-* + *-tipo*, o sufixo determina o acento. Casos como esses, mostram-nos a complexidade desse sistema acentual.

Presumimos que tais lexemas estejam armazenados numa mesma rede ou exemplar, conectados pelas semelhanças fonológicas que apresentam entre eles, sendo essas similaridades que motivam as oscilações acentuais. Ou melhor, a conexão fonológica entre vocábulos com diferentes localizações acentuais acrescida da alta frequência da palavra *tipo*, a qual é homófona ao sufixo *-tipo*, tende a fazer com que a tonicidade do vocábulo mais frequente (*tipo*) se torne gatilho analógico das palavras menos frequentes, tais como *estereótipo*, *protótipo*, *biótipo*, *arquétipo*. No entanto, essa relação não é unidirecional, posto *logotipo* também é influenciado por elas.

Tal comportamento bidirecional evidencia mais uma vez a complexidade do sistema, bem como sua dinamicidade, auto-organização e auto-influência, características fundamentais de um sistema dinâmico.

Processo semelhante aos descritos acima pode ser encontrado em outros vocábulos, tais como: *autópsia*, *biópsia*, *necropsia*, *antífrase*, *trânsfuga*. Ressalta-se que tal mecanismo se dá por difusão lexical, por isso, não se estende a todos os vocábulos com baixa frequência e vizinhos fonológicos mais frequentes.

⁵ Segundo ASPA, a frequência de ocorrência de *cateter*, *ureter* e *éter* são 48.535, 112.605 e 39.901, respectivamente.

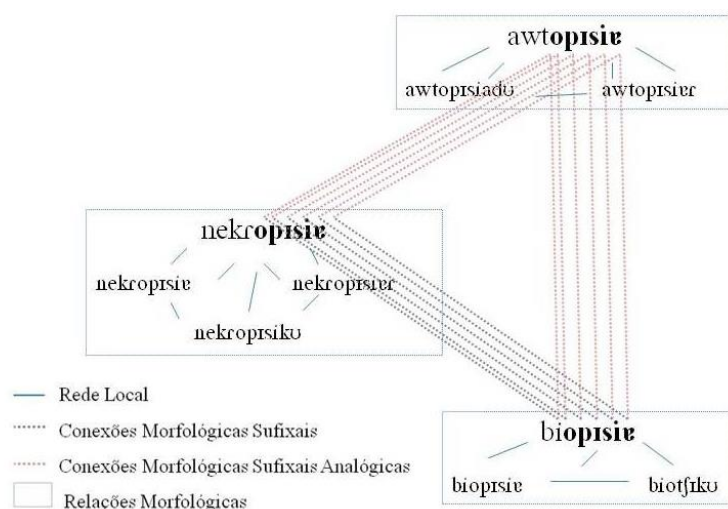


Figura 3 - Rede de conexões morfológicas analógicas bidirecionais.

Em suma, a frequência de ocorrência do vocábulo e dos tipos silábicos por meio de extensão analógica, desempenha um forte papel nas flutuações acentuais encontradas no português. Dentre outros fatores, ela pode ser também auxiliada por julgamentos probabilísticos e perceptuais dos falantes nativos, isso porque em alguns testes percebemos informantes brincando com a tonicidade de alguns vocábulos, atribuindo-lhes boas ou más sonoridades.

8.3 Especificação contextual: a formação de chunking

Dentro da perspectiva teórica em questão, a palavra constitui o lócus de armazenamento nos exemplares ou redes de conexões, contudo, outras unidades também podem servir como base para essas construções. Segundo Bybee (2010), quando sequências de duas ou mais palavras co-ocorrem frequentemente, elas tendem a desenvolver uma relação, que é denominada de *chunking*, sendo sensíveis aos mesmos processos fonológicos, morfológicos e semânticos de uma palavra isolada.

Os exemplares guardam mais do que a palavra, cada exemplar de *chunking* possui informações sobre o contexto de uso, o significado, propriedades sociais, detalhes fonéticos, dentre outras. Tais dados fornecem ao exemplar meios de fazê-lo específico a determinados contextos.

É proposto que alguns exemplares dividem-se em dois ou mais subexemplares, cada qual guardando traços peculiares do seu contexto de uso. Para o presente estudo, a particularidade que distingue um subexemplar do outro é a tonicidade, a qual está atrelada ao contexto. Pressupomos que alguns lexemas do corpus formam *chunking* com outras palavras, em contextos específicos, e que essa formação desencadeia tonicidades díspares, como na Fig. 4:

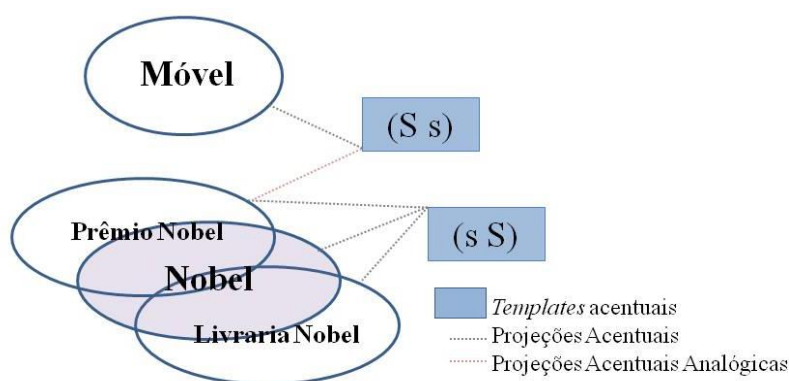


Figura 4 - Exemplos de conexões fonológicas formadas por *chunking* e extensão analógica.

Verifica-se que a diferença entre os *chunking* é motivada pela assimilação de tonicidade dos vocábulos mais frequentes. Nesse caso, *móvel* por possuir frequência de ocorrência superior a *Nobel* se torna gatilho de tonicidade para ele. Temos aqui o mesmo processo descrito no item anterior, no qual conexões fonológicas são construídas a partir de semelhanças fonéticas com outros vocábulos, sendo a frequência de ocorrência a responsável pela atração e modificação dessas tonicidades.

Nesse esquema, atrelamos apenas ‘*prêmio Nobel*’ à tonicidade oscilante, contudo, vale ressaltar que a palavra isolada *Nobel*, bem como o *chunking* ‘*livraria Nobel*’ podem também estar ligados a forma oscilante. Além disso, lembramos que os exemplos esboçados acima são apenas representações hipotéticas da formação de *chunking*, e que cada falante possui a sua própria representação, podendo ou não ter oscilações e especificações contextuais. Ainda, destacamos que tanto a produção quanto a percepção são responsáveis pela construção das representações mentais, portanto, provavelmente, todos os falantes possuem em suas representações as duas ocorrências, regular e oscilante, visto que interpretam as duas formas corretamente.

8.4 Encontro vocálico: a instabilidade dos ditongos crescentes e decrescentes

Na literatura corrente, o *status* e a localização dos ditongos são alvos de inúmeras discussões. A maioria dos teóricos admite que os ditongos crescentes e decrescentes exibem comportamentos distintos, sendo que “os verdadeiros ditongos em português são os decrescentes; os crescentes variam livremente com o hiato (su.ar/ suar, su.a.dor/ sua.dor)” (COLLISCHONN, 2010, p. 119).

O comportamento ambíguo dos ditongos crescentes dentro da estrutura silábica, *his-tó-ria* ou *his-tó-ri-a*, *pá-tria* ou *pá-tri-a*, que nem sempre é intuitivo mesmo para os falantes nativos, os faz alvo de variação constante. Essa inconstância somada à homofonia de dois sufixos, um átono e outro tônico, de *-ia* pode fazer com que as oscilações acentuais em palavras com baixa frequência, as quais possuem esses ditongos em suas terminações, sejam potencializadas.

Na verdade, pressupomos que vocábulos, tais como *barbaria*, *boêmia*, *cartomancia*, *estratégia*, *glicemia*, *Hungria*, *ironia*, *leucemia*, *maquinaria*, *Normandia* e *sinonímia*, por possuírem terminação final *-ia*, mesmo que essas não sejam provenientes das formas sufixais, são interpretadas analogicamente como sufixos, tônicos ou átonos.

Sendo assim, os exemplares/redes dos lexemas flutuantes estariam conectados pelas formas sufixais homófonas, como na Fig. (5). O fenômeno desencadeador de tal processo é a analogia.

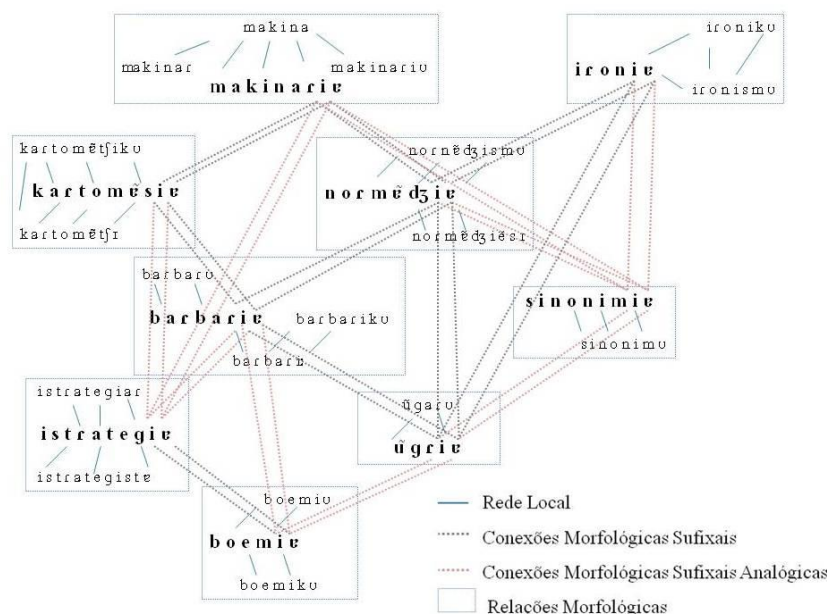


Figura 5 - Esquema de conexões morfológicas dos sufixos *-ia tônico* e *-ia átono*.

Por outro lado, os ditongos decrescentes são classificados de dois modos distintos: i. ditongos decrescentes leves ou falsos ditongos, em casos como *peixe* > *pexe*, *ameixa* > *amexa*, em que a monotongação é possível; e ii. ditongos decrescentes verdadeiros, quando os encontros vocálicos não podem ser separados nem monotongados.

Essa caracterização leva-nos a questionar o *status* do encontro vocálico *ui*, em que a separação vocálica é possível, mas a monotongação não:

- (4) gratuito - *gratuto - gra.tu.i.to
 intuito - *intuto - in.tu.i.to
 fluido - *fludo - flu.i.do
 circuito - *circuto - cir.cu.i.to

Embora sejam classificados como ditongos decrescentes, eles apresentam comportamentos semelhantes aos ditongos crescentes, visto que alternam entre ditongo e hiato, acarretando ainda a mudança de tonicidade, fato que pode ser motivado pela sonoridade das vogais e também pela analogia.

Diante das questões discutidas, entendemos que a instabilidade dos ditongos crescentes e decrescentes na estrutura silábica e a sonoridade se mostraram fortes estímulos para as oscilações acentuais, sobretudo, para os ditongos mediais, posto que eles não tendem a ser interpretados como sufixos, como ocorre com os encontros vocálicos finais. É essa inconstância dos encontros vocálicos que propicia a mudança da estrutura silábica e a flutuação do acento.

8.5 Uma característica acentual: o traço distintivo

O acento, como salientado, tem como característica o traço distintivo, i. é, em alguns vocábulos, a alteração de tonicidade acarreta a modificação de seu significado, como no exemplo clássico: *sábia*, *sabia* e *sabiá*.

No corpus deste estudo é possível encontrar algumas palavras que possuem tal traço. Possivelmente, as formas são armazenadas no mesmo exemplar, visto que compartilham traços fonológicos, semânticos e morfológicos, como *idólatra* e *idolatra*, ou apenas estão ligadas por redes fonológicas, como *sútil* e *sutil*. Possivelmente, o comportamento nessas situações seja semelhante a dos sufixos *-ia*. Não haveria, portanto, por parte do falante certeza de qual tonicidade utilizar, já que as representações dos vocábulos podem estar atreladas a dois *templates* acentuais, como na Fig. (6).

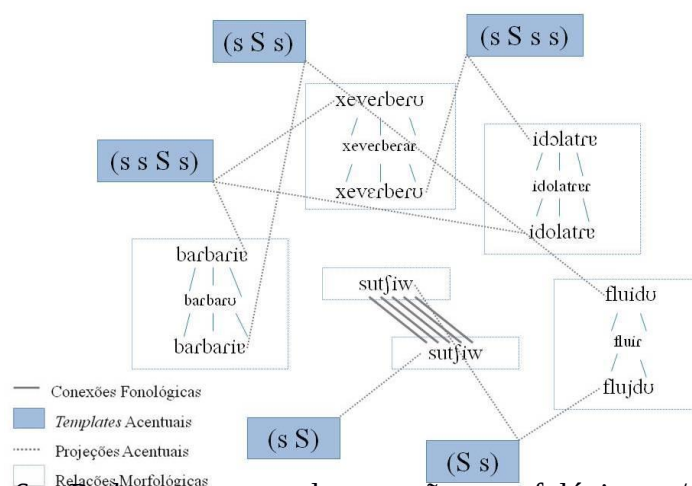


Figura 6 - Rede e esquema de conexões morfológicas e/ ou fonológicas dos vocábulos associados a dois *templates* distintos.

8.6 Indícios de um processo de mudança

Ao longo de nossa análise, constatamos que os lexemas possuem as duas formas, regular e oscilante, armazenadas na representação mental dos falantes. Com o objetivo de exemplificar como esse processo se daria, tecemos diversos “retratos” dessas redes que estariam presentes em nossas representações mentais.

Mais do que mostrar como o uso e o contexto são fundamentais para a formação dessas gramáticas, tentamos apresentar o modo pelo qual o uso da forma oscilante em detrimento da forma regular tende a engatilhar mudanças na língua. Acredita-se que com o tempo, sendo ele diferente para cada lexema, as formas oscilantes não serão estigmatizadas pelas gramáticas e por alguns falantes do português, posto que já encontramos indícios de arraigamento de algumas dessas formas.

Algumas indicações foram visualizadas durante o processo de composição do corpus (e, provavelmente, também na leitura das palavras listada no início deste artigo). Retomando: ao listarmos as palavras das gramáticas, solicitamos que falantes nativos marcassem quais vocábulos já tinham escutado a forma regular e a oscilante. Ao observarmos os resultados, percebemos que lexemas como *cateter* e *dúplex* não haviam sido marcados pela maioria deles. Por curiosidade, resolvemos incitar alguns a lê-los e as formas produzidas foram as oscilantes. Diante disso, pudemos constatar que, em alguns casos, as formas oscilantes estão tão arraigadas na língua que mesmo linguistas não

perceberam que a forma que produzem é oscilante.

Como reflexo desse processo de mudança e de uso, alguns dicionários já começaram a apresentar as duas formas como entradas lexicais. A seguir, expomos um exemplo:

Autópsia [Var. pros. de autopsia.] – 1. Exame de si mesmo. 2. Med. Impr. Necropsia.

Autopsia [Do gr. autopsía.] – s.f. 1. Autópsia (q.v.). [Cf. autopsia, do v. autopsiar.]

Observação: [Nota: A 1ª ed. deste Dicionário marcou a pronúncia com o acento tônico no i, de acordo com o étimo. Porém; o uso português consagrou a forma esdrúxula autópsia, pelo que se adota esta acentuação.] (AULETE & VALENTE, 2013).

Outro indício que corrobora para a hipótese de mudança em curso pode ser verificado ao contrastarmos as gramáticas. Nelas, dentro do fenômeno *silabada*, alguns lexemas são apontados como portadores de dupla prosódia, sendo ambas aceitas pela norma culta. Ao compararmos duas edições de Bechara, uma editada em 1976 e a outra editada em 2005 (edição revisada), verificamos que, na primeira, há 16 vocábulos e, na segunda, 22 vocábulos como passíveis de dupla prosódia. Tal modificação corrobora para a hipótese de que o fenômeno em questão consiste num processo de mudança que está em curso, também nas gramáticas.

9 Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, vimos que muito se disse a respeito do acento primário no português, desde teorias métricas até morfológicas. Todas elas elencavam e discutiam aspectos díspares, contudo, sempre concordavam com relação à borda da palavra, à janela de sílabas e ao *status* das proparoxítonas, as quais eram tratadas como desvios ao padrão acentual da língua. Em contraste com essas postulações, encontramos estudos como o de Araújo *et al* (2007) sobre as proparoxítonas que rebatem os principais argumentos utilizados pelos teóricos para excluí-las das análises.

Embora o acento primário seja largamente explorado pelos teóricos, nada foi dito ou discutido a respeito do acento oscilante na literatura corrente, apenas relatos superficiais do fenômeno. Tivemos, portanto, o objetivo de descrever e explicitar tal processo, baseando-nos somente em teorias de acento regular.

Começamos já no processo de formação do corpus constatando que a oscilação acentual consiste num fenômeno que atinge igualmente as duas variedades do português em estudo e, provavelmente, a africana também. O que as distingue é somente os vocábulos flutuantes, já que a quantidade não é cabível de verificação pela divergência do tempo de coleta de dados.

Em sequência, verificamos que os Modelos baseados no Uso eram fundamentais para tecer uma análise do fenômeno em questão, visto que consideram processos variacionistas e formas em competição. Ainda, a proposta de Cantoni (2013) veio a corroborar com um novo modo de conceber e organizar as estruturas mentais, além de ser uma hipótese com alto teor explicativo para o acento no português.

Com base nisso, a nossa hipótese pressupõe que a origem etimológica, a frequência de ocorrência dos lexemas e dos tipos silábicos, o comportamento instável dos ditongos, a presença de sufixos homófonos, o traço distintivo do acento e julgamentos

perceptuais dos falantes desempenham papéis preponderantes e motivadores das oscilações nas duas variedades do português, sendo que a dinamicidade, a auto-organização e auto-influência complementam esse sistema complexo que é a língua.

Para “retratar” as representações mentais, esboçamos através de algumas figuras pequenos *zooms* dos fenômenos discutidos, porém, relembramos que eles eram apenas retratos, não condizentes assim com a realidade, e que sua complexidade e dinamicidade são muito maiores do que as apresentadas. Por fim, supomos que o processo estudado se trata de um processo de variação e mudança linguística que está em curso na língua, sendo possíveis novas variações e estabilidades.

REFERÊNCIAS

- AULETE, Francisco & VALENTE, Antonio. *Dicionário Digital Aulete*. Lexicon Editora Digital Ltda. Disponível em: <http://aulete.uol.com.br/site.php?mdl=aulete_digital&op=creditos#ixzz1nJEUxOpA>. Acesso em 15 de março de 2013.
- ASPA. Projeto ASPA: *Avaliação Sonora do Português Atual*. Disponível em: <<http://www.projetoaspa.org/buscador2/xlogin.php>>. Acesso em março de 2013.
- ARAÚJO, Gabriel. *et al.* As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: ARAÚJO, Gabriel (Org). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 2007. p. 37-60.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. 37. ed. rev. e ampl. 15. reimp.
- _____. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 37. ed. rev., ampl. e atual.
- BISOL, Leda. O acento e o pé binário. In: BISOL, Leda (org) *Fonologia: Análises não-lineares*. Letras de Hoje, Porto Alegre, v. 29, nº 04, p. 25-36, dezembro 1994.
- BYBEE, Joan. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- _____. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- _____. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CÂMARA Jr., Joaquim. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.
- CANTONI, Maria Mendes. *O Acento no Português Brasileiro: uma abordagem experimental*. 2013. 194fls. Tese (Doutorado em Linguística Teórica e Descritiva). Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- COLLISCHON, Gisela. O Acento em Português. In: BISOL, Leda (org). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: Edipucrs, 2010.
- CUNHA, Celso. & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DAVIES, Mark PRETO-BAY, Ana. *A Frequency Dictionary of Portuguese: Core Vocabulary for learners*. New York: Routledge, 2008.
- LEE, Seung-Hwa. *Morfologia e Fonologia Lexical do Português do Brasil*. 1995. 201fls. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

- LIMA, Rocha. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- MASSINI-CAGLIARI, Gladis. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 1999.
- MATEUS, Maria Helena. & D'ANDRADE, Ernesto. *The Phonology of Portuguese*. New York: Oxford University Press, 2002.
- PIERREHUMBERT, Janet B. *The Dynamic Lexicon*. Northwestern University, Evanston, IL 60208, USA, October 16, 2010.

Anexo I: Corpus de oscilação do Português Brasileiro

Âmago	Filantropo	Novel
Antífrase	Fluido	Ômega
Antístrofe	Fortuito	Ônix
Arquétipo	Grácil	Outrem
Autópsia	Gratuito	Périplo
Avaro	Hégira	Pletora
Barbaria	Hieróglifo	Protótipo
Biótipo	Hipódromo	Pudico
Boêmia	Hungria	Recorde
Cartomancia	Ibero	Revérbero
Cateter	Idólatra	Rubrica
Ciclope	Íncrito	Ruim
Circuito	Ínterim	Sinonímia
Clitóris	Intuito	Sutil
Condor	Invólucro	Tátil
Decano	Ironia	Têxtil
Dúplex	Látex	Tórax
Égide	Lêvedo	Trânsfuga
Eletrodo	Libido	Transistor
Erudito	Logótipo	Trípex
Estalido	Lúcifer	Ureter
Estereótipo	Maquinaria	Xerox
Estratégia	Necropsia	
Etíope	Nobel	
Êxodo	Normandia	

Anexo II: Corpus de oscilação do Português Europeu

Álibi	Dúplex
Antífrase	Eletrodo
Biótipo	Estereótipo
Cartomancia	Fenótipo
Cateter	Fluido
Ciclope	Fortuito
Circuito	Glicemia
Clitóris	Gratuito

Hieróglifo
Ibero
Íncrito
Ínterim
Intuito
Látex
Leucemia
Libido
Logótipo
Maquinaria
Necropsia
Nobel
Normandia
Novel
Período

Pletora
Princípio
Protótipo
Pudico
Recorde
Rubrica
Ruim
Sofá
Sutil
Tórax
Tríplex
Tulipa
Ureter